

53.

IGREJA DE SANTO ANDRÉ DE TELÕES



Largo do Mosteiro
Telões
Amarante



41° 18' 36,54" N
8° 6' 28,73" O



918 116 488



Dom. 8h



Santo André
30 novembro



Imóvel de Interesse
Público, 1977



P. 25



P. 25



x

Nas proximidades de Amarante, no trajeto da estrada que ligava o Porto a Trás-os-Montes, ergue-se Santo André de Telões, que se integra no grande conjunto de igrejas ou mosteiros familiares instituídos no Entre-Douro-e-Minho ao longo do século XI.

No século XIV, Telões surge já como igreja paroquial. A sua importância na região não foi por isso reduzida, continuando a afirmar-se como importante polo religioso e cultural. Embora dois séculos mais tarde ainda fosse referida como “mosteiro”, a verdade é que por então já nada existia do espaço monástico e estava bem consolidada a sua condição secular de igreja paroquial. Desde o segundo quartel do século XV, cabia ao cabido da colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães o direito de apresentação de Telões, nessa altura reitoria no arcebispado de Braga.

Profundamente transformada, é na cabeceira que se conservam os principais vestígios da época românica. Com planta retangular, a abside foi certamente concebida para ser abobadada, conforme denunciam os contrafortes exteriores, terminados bastante abaixo da cornija, dispostos nos seus paramentos laterais e na parede fundeira.

JOSÉ SARAMAGO NA IGREJA DE TELÕES

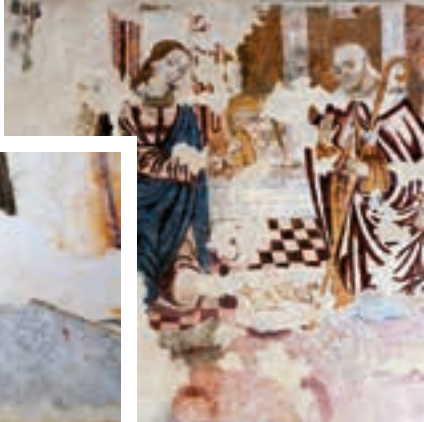
"Há aqui um mosteiro com uma airosa galilé, ainda que restaurada. Quando o viajante sai das estradas principais cobra sempre grandes compensações. O vale onde foi construído Telões é aberto, amplo, passa aqui um ribeirito qualquer, e quando o viajante vai entrar na igreja são horas de bater o relógio". Foi com estas palavras que o Nobel da literatura, José Saramago (1922-2010), nos descreveu a sua chegada à Igreja de Telões.

Uma análise dos testemunhos românicos que restam permite-nos concluir da cronologia tardia da fábrica de Telões. No arco triunfal, as bases bolbiformes são evoluídas, as impostas têm um aspeto tardio e os robustos capitéis mostram temas vegetalistas já bastante presos ao cesto. No portal principal, as arquivoltas sem qualquer decoração apoiam-se sobre os pés-direitos e o seu tímpano liso é sustentado por mísulas estriadas. Os cachorros, da abside e da nave, são maioritariamente lisos e, por fim, o desenho flordelizado do óculo rasgado na fachada principal con-

corre para colocar a edificação da fábrica românica na transição do século XII para o XIII. Se, em meados de duzentos, um cónego da sé do Porto, de nome Domingos Pais, deixou em testamento ao "mosteiro" de Telões certas lâmpadas, para iluminação e ornamentação dos altares de São Lourenço e Santa Maria Madalena, a Igreja teria de ser ou obra acabada ou quase concluída.

A Igreja românica de Telões foi alvo de várias transformações ao longo dos séculos, conforme denunciam as cicatrizes nos paramentos da nave, a edificação da





galilé e da sacristia ou a abertura de janelões retangulares nas paredes laterais do corpo e da abside durante a Época Moderna. Também por então se montou o coro alto e respetivo acesso (a que curiosamente se juntou num momento posterior um segundo coro), entretanto apeado nas intervenções de restauro da década de 1980.

Mas, foi no século XVI que se operou uma das mais significativas transformações nesta Igreja, dela resultando uma ampla campanha de pintura mural, embora hoje apenas se possa apreciar a que se encontra visível na parede testeira da nave, recentemente posta à nossa apreciação, e que representa uma cena da *Natividade*, sobreposta a uma camada anterior. A pintura alusiva ao nascimento de Cristo tem sido atribuída à oficina do Mestre Delirante de Guimarães, devido às torsões de cabeça e a gestualidade que aqui enfatizam o movimento, apresentando evidentes afinidades com a pintura que se encontra em exposição no Museu

de Alberto Sampaio (Guimarães), proveniente da sala capitular da colegiada vimaranense, alusiva à *Degolação de São João Baptista*. Não nos podemos esquecer que, no século XVI, Telões era do padroado desta colegiada e que, como se sabe, cabia a quem detinha esse direito a responsabilidade da decoração da capela-mor, estendendo-se por vezes à própria nave, sobrepondo-se assim ao patrocínio dos fregueses na sua manutenção e decoração. Na Época Moderna já não há notícia dos altares a que o cónego do Porto oferecera certas lâmpadas em 1269. Mas, nos séculos XVII e XVIII, foi esta Igreja dotada de novos altares com seus retábulos, reflexo das novas invocações que se impunham e que em parte ainda hoje persistem: o retábulo-mor (que articula a gramática barroquizante com elementos colhidos na estrutura anterior), os dois colaterais (de cronologia anterior, maneiristas) e os dois laterais, embutidos em arcos abertos no paramento (o do lado norte em estilo nacional e o outro já joanino).

A PINTURA MURAL

As restantes pinturas de Telões, dispostas ao longo da parede fundeira da nave e suas adjacentes, estão ocultas pelo retábulo-mor neoclássico. O programa pictórico devia desenvolver-se ao longo de toda a parede fundeira da nave, onde se identificou já a figura do orago, *Santo André*, encimado por anjos, e a presença de diversos elementos decorativos que ligam esta campanha à oficina que produziu a pintura alusiva à *Adoração dos Reis Magos* do Mosteiro de Freixo de Baixo (Amarante) (p. 224), ou as do absidiolo do Mosteiro de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30), datadas de 1530.

A CRUZ PROCESSIONAL



Ainda da Idade Média é a cruz processional que hoje se liga a Telões, embora seja difícil estabelecer o percurso histórico desta peça relacionando-o com o do edifício. Trata-se de uma cruz românica, patada, cuja data de execução se poderá fixar no século XII. Ornamentada com motivos de entrelaçado, elementos bebidos em modelos bizantinos, a ausência do Crucificado impede uma leitura cronológica e estilística mais rigorosa da peça que, no entanto, se deve comparar à cruz processional do Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), proveniente do legado de Barros e Sá, cuja anatomia de Cristo revela as características inerentes aos crucifixos bizantinos.

A ÚLTIMA CEIA

Na parede sul da Igreja expõe-se, hoje, um interessante baixo-relevo que retrata a *Última Ceia*, trabalho de artífice ou artífices do século XVIII. Embora nada se saiba sobre a sua ligação à história da Igreja de Telões, é digna de destaque, pois nesta composição vê-se a influência da *Última Ceia* (1542), de Jacopo Bassano (1510-1592). Tal é possível devido ao intenso mercado de gravuras executado sobre pinturas dos grandes centros artísticos europeus, o que fornecia às oficinas mais periféricas uma série de temas e iconografias necessárias às encomendas institucionais.

